

A INTELIGÊNCIA COLETIVA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Tania Valéria Ajala Moreno (UEMS)

taniavaleria.moreno@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

1. Introdução

A revolução tecnológica sempre esteve presente em nossa história, pois o conceito de tecnologia segundo Ximenes (2001), “é o conjunto de conhecimentos, processos e métodos usados num determinado ramo de atividade”.

Mas sabemos também que tecnologia não é apenas instrumento, em seu sentido mais amplo, aplica-se quando o ser humano expande seus conhecimentos na criação de coisas ou objetos, para facilitar a sua própria vida e/ou coletivamente. E sua importância se dá exatamente pela difusão desse conhecimento.

Na história da humanidade, verificamos grandes revoluções tecnológicas que culminaram, de forma direta ou não, nessa transmissão para a educação.

Desde a invenção da fala, permitindo o diálogo pessoal e coletivo; a invenção do alfabeto num importante processo de registro dos fatos históricos antes realizados somente através da oralidade; a invenção dos tipos de Gutenberg, propiciando a propagação da leitura em massa e, mais atualmente, a invenção dos mais variados recursos tecnológicos agilizou muito o processo de comunicação, e conseqüentemente se estendeu à transmissão de cultura.

Diante do exposto, verificamos nos ensinamentos de Bordenave (1997) que “quando a comunicação se coloca a serviço da cultura do povo e na construção de um destino comum, assume funções que passam a valorizar a própria cultura”.

E ainda “proporcionam alguma cultura a milhões de pessoas pela primeira vez, permitindo ao homem ‘medio’ dispor de uma riqueza cultural que em nenhuma época foi posta ao seu alcance”, conforme nos diz McLuhan (1988).

Sendo assim, fica evidente que o acesso à informação é fundamental à vida do homem e que lhe proporciona o exercício de cidadania como integrante em uma sociedade.

Mais do que nunca, percebemos que a comunicação está sendo o eixo de modificação na nossa maneira de estar em sociedade, tendo como molas propulsoras os recursos tecnológicos, que segundo Pierre Lévy (2003), ao se relacionar com o saber, exigem uma mudança radical no papel e na atuação da escola, pois:

Nas sociedades anteriores à escrita, o saber era encarnado pela comunidade viva: Quando um velho morre é uma biblioteca que queima. [...] Após o surgimento da escrita, o saber é transmitido pelo livro, reside nas bibliotecas (...) mas na era da cibercultura, o portador direto do saber não seria mais a comunidade física, mas o ciberespaço. (LÉVY, 2003, p. 63/164)

Sendo assim, percebemos que o caráter inovador da multimídia, do ponto de vista da educação, é que torna a prática pedagógica, ao mesmo tempo personalizada e coletiva, baseada no diálogo e na discussão crítica, pois reúne o som, o texto e a imagem, ampliando a comunicação e a troca de conhecimento.

2. Tecnologia e Educação

No final do século XX tivemos uma mudança acentuada em nossa base social devido às transformações concentradas na revolução tecnológica. O novo sistema de comunicação e informação utiliza uma nova língua universal: a digital. Segundo Castells essa nova linguagem promoveu a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura.

Pelo seu caráter de propagação, essa revolução tecnológica atingiu todas as esferas da atividade humana.

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia (...) traça seu destino, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades decidem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, 1999, p. 44)

Afinal, essa revolução globalizou a linguagem, a economia, a política e o conhecimento, pois é inegável historicamente a estreita relação entre o avanço tecnológico e a política que, a partir da II Guerra Mundial, fez com que países como os Estados Unidos da América passassem a in-

vestir pesado em pesquisas e nas possíveis aplicações da tecnologia nas mais diversas áreas, desde a espacial até a educação.

Com o advento da grande invenção humana: o computador, a sociedade passou a estudar formas de adaptar a sua utilização às necessidades, principalmente aquisição do conhecimento. No início dos anos 2000, sendo um instrumento recém-chegado na educação, Taille (2001) afirma que o computador “deve ajudar o ensino a se tornar cada vez mais ensino: fornecendo conhecimentos e abrindo os caminhos do raciocínio”.

Esse era o pensamento quanto a sua introdução na educação, porém seu uso, a princípio em 1960, estava ligado apenas a facilitar as atividades administrativas e o uso didático era muito restrito.

Somente durante os anos de 1970, com o surgimento da microinformática e com a linguagem LOGO criada por Pappert do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), que a tecnologia passou a ser vista como um recurso pedagógico aos americanos, refletindo também na sociedade brasileira, mesmo chegando de maneira vagarosa nos anos de 1980.

Em uma pesquisa realizada por Moraes (2000), ela constata que a informática na educação no Brasil tem sua história vinculada a da política educacional brasileira, pelas características que originaram as novas tecnologias, expressando o modo de organização material e cultural de nossa sociedade.

Segundo dados de seu estudo, Moraes mostra que somente em março de 1980, a Secretaria Especial de Informática (SEI), criou a Comissão Especial n. 1: Educação (CEE-1) com o propósito de colher subsídios e gerar normas e diretrizes do novo e amplo campo que se abria para a educação (MEC/FUNTEV, 1985).

Em 1982, através do relatório (PR/CSN/SEI, 1982, p. 33) prescreveram que “as atividades da Informática na Educação fossem balizadas por valores culturais, sócio-políticos e pedagógicos da realidade brasileira”.

Com esse objetivo foi criado em julho de 1983, o Projeto Brasileiro de Informática na Educação (EDUCOM), que também tinha como intuito avaliar os efeitos da introdução da informática no ensino e a adequação à realidade educacional brasileira.

Os educadores envolvidos com o Projeto EDUCOM (1985-1995), segundo Moraes, apostavam na informática na educação, pois a linguagem de programação LOGO facilitava uma postura de partilha, entre o ensinar e o aprender.

E a partir dessa experiência foram surgindo vários outros projetos, seminários e simpósios, abrangendo essa temática da introdução da Tecnologia na Educação, visando discussões e prováveis soluções para uma aplicação mais efetiva na educação.

Segundo Almeida (2006), compreender as potencialidades específicas de cada tecnologia e suas contribuições ao ensinar e aprender traz avanços substanciais à mudança da escola e uma visão que engloba mundo, ciência e educação.

Sob esse crescente olhar tecnológico, escolas do país inteiro passaram a integrar os recursos tecnológicos disponíveis, ressaltando a importância de sua contribuição.

Segundo Moran (2002), “a tecnologia muda patamares de interação com a realidade. Cada inovação tecnológica bem sucedida modifica os padrões de lidar com a realidade anterior, muda o patamar de exigências de uso”.

As escolas brasileiras vieram de um processo lento de desenvolvimento quanto à integração tecnológica, que como nos Estados Unidos da América, começou com a função de facilitar as rotinas administrativas e aos poucos, conforme foram propiciando formação para os educadores, sendo introduzidas também no processo pedagógico.

Com a queda nos custos destas tecnologias, teve início no final da década de 1990 e início do século XXI, uma expansão de seu uso nas escolas, que com um novo sistema de comunicação eletrônica – a internet – registra a época da busca do novo dentro do campo educacional.

Aliás, o acesso à rede mundial de computadores é um dos principais agentes das novas mídias que instigam mudanças no pensar da educação no Brasil, pois a introdução dessas tecnologias da informação e comunicação (TIC) potencializa as atividades educacionais, visando segundo Santaella (1992) “pôr em relevo os traços diferenciais de cada mídia, para caracterizar a cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação”.

Levamos em consideração a contribuição de Pierre Lévy (1998) vemos que “um mundo virtual para a inteligência coletiva pode ser portador de cultura, de beleza, de espírito e de saber (...). Pode desvendar inéditas galáxias de linguagem (...) e abrir entre os homens, trilhas de saber desconhecidas”.

3. *Inteligência coletiva e aprendizagem colaborativa*

O mundo hoje, não é mais o que já foi alguma vez, nem o natural, nem o humano, muito menos o tecnológico. Isso porque, o ser humano sempre atuou para transformá-lo. O próprio homem desenvolveu instrumentos para produzir melhores condições de sobrevivência.

Sendo o mundo humano o mesmo da cultura, a simbolização da melhoria da condição de vida propiciou aos homens construir significados e conseqüentemente a construir conhecimentos, organizando e disciplinando as relações sociais.

Ampliando essa visão histórica e social, passaram a conhecer, significar, planejar e produzir o que era necessário para o bem estar de todos.

O homem precisa de conhecimento para produzir novas ferramentas e aplicá-las em seu cotidiano. A criação e produção desses equipamentos acontecem graças à técnica e a tecnologia, que significa um conhecimento construído pela investigação através da necessidade, com produção eficiente.

As evoluções e transformações a qual fomos e continuamos sendo submetidos por toda história da humanidade, nos faz perceber que “a invenção de novos procedimentos de pensamento e negociação pode fazer emergir verdadeiras inteligências coletivas”. (LEVY, 1998, p. 15)

Não é sem propósito que nossa espécie foi chamada de *sapiens*. A inteligência humana sempre esteve no centro da atividade social. E a interação dessa sociedade com a evolução dos saberes se deu pelo surgimento de novas ferramentas de forma muito acelerada, tornando impossível reservar o conhecimento. Neste momento, o homem rompeu barreiras e criou o mundo infinito de significações.

Significações essas que os possibilitou ter contato uns com os outros, uma das condições fundamentais da vida sociocultural. Com a lin-

guagem, os humanos puderam emancipar-se, tornarem-se autônomos em seus saberes.

E compartilhando a linguagem e expressando os significados é que obtiveram a comunicação, que é um ato involuntário, tanto para o emissor quanto para o receptor. A comunicação se apresenta como um processo humano por excelência, tornando realmente possível as relações sociais.

Com a linguagem, o homem teve condições de simbolizar. Com os símbolos teve condições de significar e registrar acontecimentos que não poderiam ser repetidos nem revividos.

Por isso a importância ao grande invento na Grécia por volta do ano 700 a.C.: o alfabeto. Essa tecnologia conceitual tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e escrito, permitindo a separação da comunicação escrita do sistema audiovisual, tão importante para a expressão plena da mente humana.

Como instrumento externo da representação, é inegável que o uso da escrita ampliou e transformou nossa capacidade de memorização e criação. É curiosa a enorme revolução intelectual – pessoal e social – ocorrido em consequência da simples possibilidade de reproduzirem enunciado linguístico. (LANDSMANN, 2003, p. 7)

Sem dúvida, no século XX, a cultura audiovisual e os avanços tecnológicos englobados na multimídia tiveram sua revanche, pois o processo mais óbvio para a difusão dos conhecimentos é através da experiência partilhada. As nossas mentes não são mundos isolados, estão sempre vinculados ao ambiente social.

De acordo com Lévy (1998), o atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas.

Verificamos diante de nossos olhos a extraordinária ampliação de redes, criando o que Lévy (1998) afirma ser o “ciberespaço” mundial, que compreende novas formas de comunicação numa “cibercultura” onde sua base: emissor-mensagem-receptor, ganha novas interpretações.

O emissor não fica limitado a uma mensagem fechada. Ele oferece um leque de elementos e possibilidades à manipulação do receptor. A mensagem não é mais paralisada, imutável. É um mundo aberto, modificável à medida que responde as solicitações dos questionamentos do re-

ceptor, que não esta mais na função clássica. É convidado à livre criação e a mensagem ganha sentido sob sua intervenção.

No entanto, nesse novo espaço do saber, verificamos o grau de importância da técnica da escrita, que acrescido da eficácia da comunicação, propiciou a explosão dos registros desses conhecimentos, criando a condição elementar para a formação da inteligência coletiva através da divulgação de suas experiências.

A fertilização desse processo depende de nossa própria capacidade de navegar com competência nesse espaço, individual ou coletivamente, em qualquer que seja a área do conhecimento.

Qualquer processo educativo, qualquer mudança requer movimento. Construir conhecimentos, criar conexões, relacionar fatos, analisar argumentos, descobrir ou inventar, são fundamentos imprescindíveis para a educação.

Segundo Lévy, o sucesso desse espaço de saber ocorre exatamente quando se experimenta relações humanas baseadas em princípios éticos da valorização dos indivíduos por suas habilidades de integração e intercâmbio de saberes, no qual cada um é reconhecido com uma pessoa inteira.

A inteligência coletiva só tem início com a cultura e cresce com ela. Pensamos, é claro, com ideias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade. Por meio de transmissão, invenção e esquecimento, o patrimônio em comum passa pela responsabilidade de cada um... Em um coletivo inteligente, a comunidade assume como objetivo a negociação permanente da ordem estabelecida. (LÉVY, 1998, p. 31)

Afinal, nada é mais precioso que o ser humano e suas conquistas, por isso a importância da transmissão de valores, a integração e reorganização dos laços sociais e principalmente a educação nesse universo coletivo.

Por isso, devemos desenvolver a capacidade de iniciativa e de cooperação, mobilizando a subjetividade do indivíduo, Em uma sala de aula com fontes materiais muito semelhantes, mas com histórias sociais muito diversificadas e cheias de particularidades, a vitória cabe ao grupo que aprende rápido, realiza tarefas com prazer, mantém-se dentro dos prazos estabelecidos, agem com respeito e se reconhecem mutuamente como pessoas.

Afinal, as identidades só se concretizam pela relação com o outro, num processo sempre inacabado pelo seu caráter discursivo e histórico.

Segundo Landsmann (2003), a história individual de cada um se inicia quando começa suas próprias recordações, enquanto que a coletiva se inicia quando o grupo social deixa marcas gráficas de suas experiências e dos seus atos de comunicação, pois escrever é a mais importante forma de registro gráfico inventada pelo homem.

As condições sociais com certeza facilitaram o surgimento da escrita para suprir a necessidade de conservar e transmitir informações e para que ela não se perdesse através dos tempos.

E nesse ato de registrar, seja qual for o formato, o produtor é dissociado do produto através de uma fase de decodificação e interpretação. Essas funções propiciam importantes transformações que desenvolvem o intelecto, afetando a nossa maneira de pensar nos processos de leitura, na discussão, na interpretação e principalmente na produção de texto, no caso de nossos alunos durante toda a sua jornada escolar.

Para tanto, devemos trazer à tona a interdisciplinaridade no âmbito da construção coletiva de saberes, impulsionado pela tecnologia digital, sempre reforçando a necessidade de se resolver os problemas comuns a partir de uma visão compartilhada, dividindo as responsabilidades.

4. O uso das mídias no ensino da língua materna

Não é necessário hoje indagar se os novos veículos e as novas mídias ajudam na educação. É muito mais oportuno buscar formas de como aproveitá-las para produzir alunos mais capacitados, conscientes e preparados para o mundo fora da escola.

A presença, a importância e a necessidade da mídia na escola é indiscutível, pois oferecem infinitas alternativas e possibilidades. Há diversos recursos e caminhos que a tecnologia nos permite percorrer:

O maravilhoso da tecnologia é que as pessoas acabam por utilizá-la para algo completamente diferente de seu destino original. É este valor do inesperado que está subjacente à criatividade na sociedade. (CASTELLS, 1999, p. 230)

E cabe ao educador essa tarefa criativa de elencar estratégias, planejamentos e projetos pedagógicos que identifiquem a relação íntima e necessária entre as mídias e o ensino da língua materna.

Então, devemos encarar as novas tecnologias como aliadas na disseminação de informação e na construção do conhecimento e utilizá-las a nosso favor.

A escola tem que participar desse processo como um lugar de tematização e discussão de conteúdos e o educador é o ator principal nessa relação dialógica entre a oferta midiática e o contexto escolar.

A transformação no modo como o conhecimento, circula constitui uma das mutações mais profundas que uma sociedade pode sofrer. E é exatamente essa diversificação e disseminação dos conhecimentos o maior desafio que o mundo da comunicação traz ao sistema educacional.

Segundo Janotti Jr. (1997), o método “midiológico” de construção de conhecimento:

(...) permite romper com um raciocínio que parece permear as discussões acadêmicas no âmbito da compreensão dos meios imagéticos contemporâneos: o abismo entre a reflexão (estética) e a produção (técnica). (JANOTTI JR, 1997, p. 90)

Diante dessa constatação, notamos que há uma revalorização cognitiva da imagem e uma recolocação na área da educação, como ferramenta de produção de conhecimento.

E essas mudanças na condição do saber estão ligadas às potencialidades cognitivas da imagem diante da sociedade. Sendo assim, a escola se insere nesse processo de transformação, quando participa ativamente da dimensão estratégica da cultura, dando condições de uso criativo e crítico das TIC.

Afinal, não podemos dissociar a cultura, enquanto configurante de significados, dos processos de comunicação e dos processos de ensino da língua materna.

Sendo assim, o educador deve manter um olhar crítico sobre a mídia e abstrair dela formas de transmitir um conteúdo, introduzir um tema, ilustrar e promover a discussão sempre verificando a realidade de seus educandos, as concepções que eles têm, para planejar e propor soluções ou desafios adequados e pertinentes. Deve saber lidar não só com as tecnologias, mas principalmente com o seu contexto.

Segundo Taille (2001), o computador e seus recursos não se limitam apenas a transmitir informações aos alunos, possibilita que ele a receba e trabalhe a informação, numa função de troca, enriquecendo o con-

teúdo e tornando-o mais leve e dinâmico, exatamente pelo caráter de interação.

O computador por ser um recurso audiovisual interativo, faz com que o aluno sinta um alto grau de motivação ao utilizá-lo em suas rotinas escolares. E a motivação é extremamente importante, o fator central em uma aprendizagem.

Então, considerando a educação como instrumento de emancipação do indivíduo, dentro dessa sociedade de informação e saber, a ênfase está na capacidade de se extrair dos alunos suas competências múltiplas, tanto individuais quanto em equipe, aprendendo a adaptar-se a situações novas, com flexibilidade e cooperação.

Segundo Castells (1999) “nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo da nossa cultura”.

A Internet, em suas manifestações evolutivas, é o meio de comunicação interativo universal na Era da Informação e a ferramenta inovadora nesse novo fazer coletivo de estruturação dos conhecimentos é o hipertexto.

Afinal, estamos diante de uma mudança nos processos da leitura, mas não significa a simples substituição, de um modo de ler pelo outro, mas sim uma complexa articulação da leitura de textos com a leitura de hipertextos, da inserção à reconfiguração.

Ferramenta esta, que dá ao usuário o direito de seguir seus instintos, utilizando a sua curiosidade e linha de raciocínio para buscar novas informações conforme seu interesse, reunindo o caráter verbal, imagético e sonoro.

Segundo Castells, quatro processos foram definitivos para a instauração do hipertexto: a interatividade, os hipermeios, a imersão e a narratividade. O acesso e toda a recombinação de classe de texto, imagens, sons e silêncios, inclui todas as formas de expressão simbólica e cultural.

Esses fatores permitem ao leitor definir a direção de sua leitura com liberdade na escolha dos temas e subtemas propostos. Ele é encorajado a não seguir uma sequência e sim, criar a sua própria sequência.

Dessa forma, o autor de um hipertexto não produz um texto definitivo e sim, cria ligações possíveis entre temas que se tornam opções de escolha para os leitores.

Essas inovações, provocadas pelo hipertexto digital como a leitura-escrita coletiva, exige novas competências linguísticas. E esse potencial de desenvolvê-las de forma concomitante é que deve ser utilizado e explorado ao máximo, no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Para ser usado de forma realmente proveitosa ao ensino da língua materna, os professores deverão estar familiarizados com o novo ambiente, saber manuseá-lo para então se concentrarem em atividades específicas de ensino e aprendizagem do conteúdo em questão, que deverá abranger vários parâmetros dos componentes curriculares, desde a educação básica até as universidades.

Os educadores não podem se eximir da responsabilidade de desenvolver nos alunos certas habilidades que somente o ensino pode propiciar.

5. Conclusão

Percebe-se que há diferentes métodos de ensino que podem ser abordados com a utilização dos recursos tecnológicos e os educadores devem reconhecer tal evidência, alterando antigos hábitos e rotinas e incluindo as culturas midiáticas no fazer educativo.

Vivemos numa época de grandes desafios no ensino focado na aprendizagem e é no caminho de integração do humano e do tecnológico que devemos intervir pedagogicamente.

A interatividade que ajuda a ativar os vínculos com o que nos circunda, é um fenômeno que a escola tem que considerar como parte do processo educativo e permitir a abertura para as diferentes alfabetizações, gestadas por distintas linguagens.

A utilização de práticas inovadoras como o hipertexto nas aulas de língua portuguesa, amplia a visão do aluno, integrando a leitura e a escrita de forma não linear, dando a oportunidade de que ele que se sinta inserido de forma contextualizada, mesmo diante de temas antes desconhecidos, pois com a criatividade e a pesquisa sugerida pelo educador, e

possível graças às ferramentas tecnológicas disponíveis, o aluno reforça suas ideias de forma crítica e muito mais significativa.

Não podemos mais fugir dessa realidade, já estamos inseridos na era digital e esse fato exige da sociedade, um mínimo de preparo e adaptação às novas tecnologias, pois essas ferramentas devem proporcionar uma metodologia de ensino mais eficiente e criativa, tornando a aprendizagem e a troca de saber muito mais próxima, tanto dos alunos quanto dos educadores, possibilitando maior atenção e visão das experiências de cada um.

A utilização das tecnologias de informação e comunicação não é a única solução para os atuais problemas da educação, mas certamente oferece alternativas para muitas questões, pois habilita o aluno a fazer suas próprias conexões como também eleva o nível de discussão em aula, aumenta o hábito de leitura e a interatividade gera motivação, pelo material dinâmico e atraente.

E é essa escola inserida neste novo conceito global e que se utiliza da melhor forma dos recursos tecnológicos disponíveis, que cria o tão almejado espaço de saber e aprendizagem colaborativa que a tecnologia hoje torna possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. J. *Módulo gestão de mídias na educação*. Etapa 1, Eproinfo, 2009.

BORDENAVE, J. E. D. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A galáxia internet*. Reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Gulbekian, 2004.

JANNOTI JR, J. S. *A televisão e as políticas regionais da comunicação*. Salvador/São Paulo: 1997.

LANDSMANN, L. T. *Aprendizagem da língua escrita*. Processos evolutivos e implicações didáticas. São Paulo: Ática, 2003.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1988.

MORAES, R. A. *Informática, educação e história no Brasil*. In: *Connect@*, n. 3, 2000. Disponível em:

<http://www.revistaconecta.com/conectados/rachel_historia.html>. Acesso em: 18-10-2010.

MORAN, J. M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2006. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran>>

SANTAELLA, L. *Cultura das mídias*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2006.

TAILLE, Y. de L. *Computador e ensino. Uma aplicação à língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2001.

XIMENES, S. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Ediouro, 2001.